Revista Espaço Acadêmico - Nº 123 - Agosto de 2011
Mensal - ANO XI - ISSN 1519-6186

Problematizando discursos heteronormativos de professores/as dos anos iniciais do ensino fundamental: algumas questões para pensar a formação

Juliana Ribeiro Vargas* **& Rodrigo Saballa Carvalho****

Resumo: O presente trabalho, constituído a partir de contribuições dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero, tem como objetivo problematizar questões de gênero e sexualidade presentes em discursos de docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sobre comportamentos de alunos e alunas entendidos como desviantes de padrões heteronormativos. Dessa forma, é possível perceber que as questões de gênero e de sexualidade, ao serem entendidas e descritas somente como (in)adequadas, acabam por produzir identidades de gênero, constituídas por características determinadas (Butler, 1998). É possível perceber que, em muitas situações, descrições sobre as posturas discentes são compreendidas como verdadeiras e estáveis, uma vez que a linguagem acaba por ser entendida como "natural" (Louro, 1997). Assim, é possível dizer que, através da difusão de seus discursos, os docentes acabam por constituir o que Rorty (2007), denomina como vocabulários, os quais são utilizados como instrumentos de governamento e de produção de verdades sobre os sujeitos escolares. A partir das análises desenvolvidas, entendemos que os discursos docentes apresentam um léxico comum, o qual diferencia os comportamentos esperados de alunos e alunas, na expectativa que os/as mesmos/as vivenciem masculinidades e feminilidades a partir de modelos heteronormativos.

Palavras-chave: Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Infância, Formação Docente

Problematizing heteronormative speeches of teachers of the first years of the elementary school: some questions for thinking about training

Abstract: This present research paper, consisted from the contributions of Cultural Studies on Education and Gender Studies, aims to problematize gender and sexuality questions present in the speeches of teachers of the First Years of the Elementary School on students' behaviors understood as deviant from heteronormative patterns. In many situations, the descriptions about the students are conceived as true and stable ones, since the language ends up being perceived as "natural" (Louro, 1997). It is also important to refer that gender and sexuality questions, when being known and described only as (in) adequate, end up producing stable gender identities, constituted by determined characteristics. Thus, it is possible to state that, through the dissemination of their speeches, the teachers end up composing what Rorty (2007) denominates **as** vocabularies, which are utilized as instruments for governing and as the production of truths on school subjects. Therefore, from the developed analyses, we understand that the teachers' speeches present a common lexicon, what differs from behaviors expected of students, in the expectation that they themselves experience masculinities and femininities from heteronormative models.

Key words: Cultural Studies, Gender Studies, Childhood, Teacher Formation.

* **JULIANA RIBEIRO VARGAS** é Pedagoga, Mestre em Educação e Doutoranda em Educação pelo PPGEdu/ UFRGS (Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação).Professora da Rede Municipal de Porto Alegre.

** **RODRIGO SABALLA CARVALHO** é Pedagogo, Especialista em Gestão da Educação, Mestre em Educação e Doutorando em Educação pelo PPGEdu/UFRGS (Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação).Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Área de concentração: Educação Infantil.

Professores/as e discursos – considerações iniciais

> *Não existe a preocupação com o pudor, de preservar o próprio corpo, muito menos de ficar mal falada. As meninas partem para cima dos meninos, mesmo sem saber direito o que fazer com essa vontade. É tudo ou nada, o quanto mais, melhor. A única regra do jogo é justamente não ter regra.* (Professora da Rede Pública de Ensino de Porto Alegre).

Falta de pudor, descuido com a preservação do corpo, sexualidade precoce, violência física exacerbada, comportamento de menina, vocabulário vulgar, e exposição do corpo. Tais palavras constituem o vocabulário utilizado por professores/as da Rede Pública de Ensino de Porto Alegre, para referirem-se ao comportamento de alunas consideradas violentas. Contudo, quais razões estariam implicadas na construção de discursos docentes como o destacado na epígrafe inicial?

Nessa direção, este artigo é constituído a partir das contribuições dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero e tem como objetivo problematizar questões de gênero e sexualidade presentes nos discursos de um grupo de professores/as dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Tais discursos constituem-se a partir da compreensão dos/as professores/as a respeito de comportamentos apresentados por alunas no ambiente escolar, que são considerados violentos e desviantes dos padrões heteronormativos. Desse modo, a partir das pesquisas desenvolvidas por Santos (2007, p.5), ressaltamos que a heteronormatividade constitui "determinados modos de ser que não precisam estar ditos de forma explícita, mas que operam em distintas redes na cultura (nas relações sociais, nos currículos, nas pedagogias culturais)." Por conseguinte, a partir da perspectiva heteronormativa, determinados comportamentos são naturalmente diferenciados entre adequadamente masculinos ou femininos.

Pode-se perceber que, em muitas situações do cotidiano escolar, caracterizações sobre alunos/as são entendidas como naturais, uma vez que o vocabulário utilizado para descrever os/as mesmos/as acaba por ser percebido de forma naturalizada. Em relação a esse aspecto, Louro (1997), ressalta a existência de um vocabulário diferenciado para caracterizar os comportamentos masculinos e femininos na escola. No caso das meninas, por exemplo, entende-se que aquelas percebidas como bem comportadas são descritas como sendo tranquilas, obedientes, e incapazes de se envolverem em conflitos escolares.

Desse modo, destacamos que as questões de gênero e de sexualidade, ao serem entendidas e

descritas no ambiente escolar, somente como (in)adequadas, acabam tentando produzir identidades de gênero fundamentadas em modelos heteronormativos. Vale destacar que os/as professores/as, através da difusão de seus discursos, constituem o que Rorty (2007) denomina como vocabulários – que são criados e utilizados como produtivos instrumentos de governamento e de produção de verdades a respeito dos sujeitos escolares. Conforme assegura o referido autor, o eu humano é inventado pelo uso de um vocabulário, já que a verdade é compreendida como uma propriedade de entidades linguísticas e de frases. Em consonância com tais ideias, Arán e Peixoto Junior (2007, p. 134), afirmam que: "o ato de nomear é, ao mesmo tempo, a repetição de uma norma e o estabelecimento de uma fronteira a qual, frente às questões de gênero e sexualidade acaba por definir o (in)correto."

Partindo dos argumentos expostos, descreveremos a seguir, a metodologia de pesquisa empregada para a escrita do artigo e a organização do mesmo. Apresentamos aos/as professores/as transcrições de gravações de diálogos decorrentes de uma investigação de Mestrado – desenvolvida por Vargas (2008) – cujo objetivo estava em visibilizar e problematizar posturas de alunas do Ensino Fundamental, entendidas como distantes da representação naturalizada de comportamento feminino. Em tais transcrições, as alunas relataram seus comportamentos no ambiente escolar. Posterior à apresentação, solicitamos os/as professores/as que comentassem, alguns dos diálogos apresentados. A partir das análises, percebemos que os discursos dos/as professores/as apresentavam um léxico comum (conjunto de palavras que os mesmos utilizam para referirem-se ao comportamento das meninas), no qual eram descritos e diferenciados os comportamentos esperados de alunos e alunas.

Desse modo, informamos que o artigo está organizado em três seções. Apresentamos, inicialmente, considerações acerca da constituição de um discurso heteronormativo de professores/as, o qual corrobora com a ideia de um ideário de infância feminina. Posteriormente, apresentamos e problematizamos discursos de professores/as acerca de comportamentos de meninas, os quais se diferenciam desse ideário. Encerramos discutindo a relevância da problematização de tais discursos nas escolas, bem como nos cursos de formação de professores/as.

O discurso heteronormativo dos/as professores/as

Entendemos o conceito de discurso a partir de uma perspectiva foucaultiana, através da qual o mesmo pode ser considerado tanto um produtor de verdades, como um dispositivo estratégico de relações de poder. Nesse sentido, Foucault (2007, p. 103) ressalta que: "o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica e complexa numa sociedade determinada." Por essa razão, podemos destacar, a partir

de Foucault (1987, p.56), que os discursos são "práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam". Podemos então, compreender os discursos institucionais, as narrativas docentes, a organização do espaço escolar como práticas discursivas. E se, como coloca o referido autor (2005, p. 8): "a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos", é profícuo pensar que as práticas discursivas também assim operem. Logo, tais práticas procuram fortalecer uma naturalização entre os comportamentos apresentados pelos sujeitos e identidades de gênero, através da produção de discursos como o que foi apresentado na abertura do presente artigo.

Contudo, a partir de Butler (1998), podemos compreender as identidades de gênero não como inatas, mas como constituídas a partir de posturas apresentadas pelos sujeitos. Tal como afirma a referida autora (2008, p.200): "o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos." Os gestos, os movimentos e até mesmo as posturas apresentadas pelos sujeitos produzem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. E tal ilusão potencializa discursos que naturalizam a associação de determinados comportamentos às identidades de gênero masculinas/femininas. Apoiadas em tais discursos, narrativas de professores/as, como as que serão discutidas no decorrer do artigo, classificam atitudes de alunos/as como (in)adequadas em razão das identidades de gênero. Diante disso, destacamos a produtividade de problematizarmos a produção dos discursos, uma vez que os mesmos estabelecem regramentos para a vida em sociedade e, formas diferenciadas de compreender e narrar os sujeitos e grupos sociais. Por isso, consideramos relevante ressaltar a partir de Perrot (2007), que o convencionamento de uma (suposta) identidade sexual feminina adequada**,** bem como de um modelo de sexualidade masculino estão relacionados à produção heteronormativa. Corroborando com tal argumento, Weeks (2010) destaca que a significação do que seria normalidade e, por conseguinte, a definição das anormalidades em relação às identidades sexuais foram elementos importantes para a institucionalização da heterossexualidade, ocorrida entre os séculos XIX e XX. Logo, a constituição de uma (suposta) adequada identidade sexual feminina, bem como de um modelo de sexualidade masculino estiveram relacionados à produção da heterossexualidade.

Nessa direção, destacamos a partir de Louro (2001), que a repercussão de diversos discursos, produzidos em diferentes tempos e culturas, acabou por fomentar a constituição de habilidades em meninos e meninas em consonância com referências socialmente admitidas para a masculinidade e para a feminilidade. Assim, em nossa sociedade, meninos aprendem desde muito cedo a jogar futebol, enquanto meninas, aprendem a

brincar com bonecas. A "problemática" ocorre, muitas vezes, quando os/as meninos/as, os/as jovens diferem, em seu modo de viver, das formas entendidas como naturalizadas e acabam descritos por grande parte da sociedade de forma pejorativa. Em relação a tal aspecto, Butler (1998, p. 300), de modo enfático, afirma que tais indivíduos são "castigados regularmente", quando diferem dos modelos heteronormativos. No que diz respeito ao ambiente escolar, destacamos que os discursos docentes (entre tantos outros) passam exercer o papel de reguladores das identidades de gênero, uma vez que, em muitos casos, classificam como inadequados os comportamentos de alunos/as em razão do distanciamento que suas atitudes têm daquelas naturalizadas às identidades de gênero masculinas e/ou femininas.

Portanto, procuraremos problematizar, nas seções que serão apresentadas, como os/as professores/as entrevistados/as perceberam posturas e posicionamentos de alunas do Ensino Fundamental considerados, comumente, distantes de representações entendidas como naturais para as meninas. A partir dos discursos dos/as professores/as, foi possível constituir duas unidades analíticas que se referem, respectivamente, ao modo como alunas têm vivenciado seus relacionamentos afetivos e, também, às situações de violência física e verbal nas quais as mesmas envolvem-se. A fim de demonstrar o contexto a partir do qual os/as professores/as teceram seus discursos apresentamos a transcrição de um diálogo da pesquisa comentado por elas.

Homem é que nem lata: os comportamentos (in)adequados

> **P**: Uma vez, a T. me disse assim: Homem é que nem lata, "sora"! Uma chuta, a outra cata!
>
> **Gurias**: É... Isso aí é verdade!
>
> **P**: O que vocês acham disso?
>
> **J**: Por exemplo: ela foi lá, chutou o guri... Eu fui lá e "catei ele"!
>
> **T**: É a nossa liberdade.

As palavras soaram estranhas durante a leitura dos/as professores/as participantes da pesquisa, pois para os/as mesmos/as esse não seria um "comportamento adequado" para uma aluna dos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que ainda é esperado das meninas, a vivência de um amor romântico. Tal consideração é reiterada na afirmação de uma professora (A), quando a mesma destaca que: *há realmente uma liberdade, por outro lado, o preço dessa liberdade foi a "coisificação", foi a perda de valores, "né". Então não se valoriza mais o ser humano*. Cosificação e perda de valores tornam-se palavras-chave nos ditos proferidos pela professora, evidenciando os modos como a mesma posiciona as meninas em relação aos relacionamentos constituídos no âmbito social. Perguntamos: Se um menino tivesse afirmado que "menina é como lata, um chuta e outro cata", haveria o mesmo posicionamento da docente? Existe uma cobrança para que os meninos também vivenciem o amor romântico, ou esse é somente uma atribuição das meninas? A liberdade

das meninas pode ser considerada uma "perda de valores"?

Vale destacar que a fragilidade dos laços humanos, conforme Baumann (2004), pode ser percebida como uma característica marcante do amor líquido vivenciado no mundo contemporâneo, que tem tornado as relações humanas cada vez mais flexíveis. Contudo, na pesquisa realizada, notamos que nos discursos analisados, as docentes ainda idealizam a existência de um amor romântico, estável e duradouro. Por isso, as alunas que estabelecem formas diferenciadas daquelas, tradicionalmente, conhecidas das meninas vivenciarem seus afetos são descritas, pejorativamente, pelas suas professoras. É possível pensar que essas caracterizações pejorativas estejam apoiadas em uma naturalização do comportamento feminino, a qual comporta um modo único de ser menina. Tais caracterizações distanciam-se da ideia de multiplicidade de identidades. Afirma Meyer (et al, 2007): que essa compreensão naturalizada, muitas vezes compartilhada na escola sobre o comportamento feminino, exclui o caráter de multiplicidade, de provisoriedade e de contingência do humano.

Na mesma direção, também é possível perceber a existência de uma necessária preservação do corpo e da moral feminina, como ilustra uma professora ao afirmar que: *não existe a preocupação com o pudor, de preservar o próprio corpo, muito menos de ficar "mal" falada*. A fala do professor (B) corrobora com a ideia de um instinto natural feminino (Michelet, 1995) o qual associa, naturalmente, às meninas características tais como meiguice, inocência e pureza. Vale dizer que tal instinto natural, teve suas condições de emergência em discursos históricos difundidos principalmente nas sociedades ocidentais, que postularam um ideário feminino, a partir do qual passou-se a esperar das meninas um comportamento de futura mulher/esposa/mãe.

A naturalização de determinadas características como *naturalmente femininas* corrobora com a constituição do que podemos chamar de *ideário feminino* a partir do qual se passou a esperar que as mulheres comportassem de maneira diferenciada que os homens e que as meninas conduzissem seu comportamento de modo diverso aos meninos. Sobre o tema, afirma Fraga (2000, p. 91) que ainda nos dias: "[...] espera-se que a menina tenha um cuidado redobrado com seu próprio corpo. [...] É preciso 'andar direito'; 'andar na linha'." Tais expressões têm um significado especial na escola: ser cordial, obediente, estudiosa, obter boas notas, relacionar-se bem com os colegas, não andar com meninos, auxiliar o/a professor/a, entre outros comportamentos e tarefas atribuídos à boa moça.

Dá aqui nos joelhos, dá de soco: meninas narrando conflitos

> **P:** [...] Eu tenho um monte de amiga lá na Vila, e elas me ensinam: primeira coisa que tem que fazer quando uma guria vier brigar contigo é [...]. E as gurias, minhas amigas, deixam a cara das gurias sangrando [...]. Pega pelos cabelos e dá [com o rosto da oponente] aqui nos joelhos. Elas me ensinam: "quando uma

> guria vem e te pega, já pega e dá aqui nos joelhos, dá de soco".
>
> **P**: Elas te ensinaram?
>
> **T**: E o ponto fraco de toda guria é aqui [debaixo das costelas].

Pode-se entender que posturas de meninas distintas daquelas imaginadas como típicas de um ideário moderno de feminilidade acabem sendo entendidas como inapropriadas, tal como afirmou a professora (C): *também me chamou a atenção as falas das meninas, pois sou educadora de séries iniciais e, geralmente, elas adotam uma postura 'menos violenta' se comparado com os meninos. O relato de um garoto que teme as agressões da menina evidencia uma certa ruptura ao que percebemos como natural nas relações das crianças*. Da mesma forma que fora evidenciado na seção anterior, parece existir uma "naturalidade feminina", a qual afastaria as meninas e jovens da participação nas situações de violência física e verbal. O ser menina, mesmo nos tempos atuais, ainda está associado à tolerância e ao recato. A partir dessa caracterização, geralmente realizada sem questionamento sobre seus significados culturais, é constituída uma representação, considerada por muitas pessoas, como sendo adequada paras as meninas. É profícuo pensar que: "A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura." (Louro, 2010, p.11). Portanto, consideramos extremamente necessário que a inscrição dos gêneros torne-se uma temática amplamente debatida nas escolas.

Algumas questões para pensar a formação de professores/as

A partir dos discursos dos/as professores/as apresentados no decorrer do trabalho, ressaltamos que, no ambiente escolar, a linguagem utilizada e as práticas exercidas acabam por constituir sujeitos femininos e masculinos atravessados por determinadas marcas. Tais marcas são produzidas a partir de concepções heternormativas, as quais regulam modos de ser e agir das crianças. A escola é considerada como uma instituição constituída por relações de poder que estabelecem diferentes lugares para os sujeitos, através do disciplinamento dos comportamentos, a partir de determinados princípios morais e pedagógicos. Por isso, enfatizamos que a instituição escolar é disciplinar. Os comportamentos percebidos e narrados como diferenciados acabam por caracterizar os sujeitos protagonistas dos mesmos como "desviantes". Apoiados em Foucault (2007), compreendemos que existem pontos de articulação entre o *que se fala* e o *que se silencia* na produção das práticas discursivas. Desse modo, entendemos que tanto a circulação dos discursos, quanto os silenciamentos existentes na instituição escolar atravessam a organização dos comportamentos dos alunos, sejam eles meninos ou meninas. O emprego de adjetivos pejorativos ou ainda, o calar-se frente a determinadas posturas e comportamentos apresentados pelos estudantes podem ser

entendidos, por exemplo, como um *monólogo da sexualidade*.

No âmbito das análises apresentadas, consideramos imprescindível que os discursos heteronormativos proferidos pelos/as professores/as, nas escolas, sejam amplamente debatidos. Trata-se de colocar em pauta questões relativas às identidades de gênero – ao modo como as alunas são nomeadas, que passam, muitas vezes, à margem de discussões desenvolvidas no espaço institucional. Examinar os vocabulários utilizados para nomear as alunas é mais do que uma simples questão retórica e politicamente correta, pois como afirma Butler (2002, p.163), os discursos "habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue." Dessa forma, consideramos válido questionar que corpos e, por conseguinte, que sujeitos femininos estamos produzindo através dos discursos docentes em nossas escolas? Esta é uma causa ética que diz respeito a todos nós enquanto professores/as.

Referências

ARAN, Márcia; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. Cad. Pagu [online]. 2007, n.28, pp. 129-147.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

._____. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Rev. Estud. Fem. vol.10 nº.1 Florianópolis Jan. 2002.

._____. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. In: *Revista Debate Feminista*. México, a.9, v.18, Outubro, 1998.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. 18 ª Ed. São Paulo: Graal, 2007.

_____. A ordem do discurso. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

_____. Microfísica do poder**.** Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1987.

FRAGA, Alex, Branco. Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 07- 34.

._____. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA,Marisa Vorraber. (org). O currículo nos limiares do contemporâneo. 3 ed. Rio de Janeiro*:* DP&A 2001. p.85 - 92

._____. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann et al. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas *Educação em Revista*. Belo Horizonte. n. 46. p. 219-239. dez. 2007

MICHELET, Jules. A mulher. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres.* São Paulo: Contexto, 2007

RORTY, Richard. A contingência da linguagem. In: RORTY, Richard. Contingência, ironia e solidariedade. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Cap.1, p.25-56.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi. Heteronormatividade e educação. 2007. (no prelo).

VARGAS, Juliana Ribeiro. Meninas (mal)comportadas: posturas e estranhamentos em uma escola pública de periferia, 2008. 138f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 35-82.

.